

Este é um dia de tantas emoções!

Para todos que me escutam e, acreditem, para quem lhes fala. Sempre me vivi com uma certeza: a maior prova a que um professor se submete não é feita pelos seus pares, em provas públicas carregadas de ritos e rituais; o juízo determinante de um professor é feito pelos seus alunos. Eles são o princípio e o fim de todas as coisas, aqueles que justificam a existência de quem, um dia, foi seu professor. Vê-los chegar ao final desta etapa das vossas vidas enche-me de orgulho, de esperança, mas, também, de nostalgia. Quem um dia teve o privilégio de ser vosso professor diz-lhes, neste momento, obrigada, obrigada por cada minuto de partilha, de desafio, de dúvida, de confiança.

São tantas as emoções neste dia!

Lembrei-me de Álvaro de Campos, quando nos diz que

“Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,

A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,

A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair

Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,

E ir ser selvagem” [Álvaro de Campos, PASSAGEM DAS HORAS]

Que esta vida intensa possa ser a vossa.

Que os sonhos se concretizem!

Que cada um se cumpra integralmente.

Que, nos momentos de dúvida, recordem que “se eu sou eu, porque hei-de escrever como os outros?”

Que saibam ser fortes.

Mas, acima de tudo, que saibam ser frágeis.

Que compreendam que é *na vossa fragilidade* que descobrirão a vossa força.

Que compreendam que tudo é possível; *menos a desistência*.

Que compreendam que a vida lá fora é dura, por vezes angustiante. Mas que, de tão interessante, chega a doer. Não a larguem, não sejam espectadores, vivam cada instante como se, em cada instante, tivessem de viver toda a vossa vida. Porque “o real não está no início, nem no fim; ele se mostra pra gente é no meio da travessia.”

E se algum dia sentirem que “já nada vale a pena de viver e a dor de amar, quando mais nada interessar”, saibam que lhes resta afinal a vida, “com tudo quanto é insolvente e provisório” e de que ainda têm uma saída “entrar no acaso e amar o transitório.”

Assumirão a responsabilidade da decisão pelo outro, da decisão com impacto na vida do outro. Não se escondam atrás de uma máscara, de uma personagem. Não se defendam do outro pelo medo de vocês próprios, olhem-no e compreendam-no com humanidade, ainda que tenham de o julgar.

Usem quanto sabem para defenderem aqueles que sequer sabem que estão a ser defendidos. Transporão aquela porta com um conhecimento que está reservado a poucos; usem-no com altruísmo, com o sentido de cumprimento de um dever, o da retribuição.

Usem o silêncio como a arma da reflexão, a pergunta sincera como a arma da verdade.

Acima de tudo, sejam vocês mesmos, não queiram ser o outro.

Não se levem muito a sério, ainda que integridade, sobriedade e seriedade devam estar-lhes coladas à pele.

Levem a imagem do mito que, quando teve de partir, aos ombros carregava os seus deuses e os seus antepassados, pela mão, o filho.

Acima de tudo, vivam. Com a convicção de que aquela porta, com toda a sua simbologia, estará sempre aberta.

Lisboa, 17 de Maio de 2025